

Loucura, imagem e pensamento: o hospício sob a investigação estética/ Madness, image and thought: the hospice under aesthetic investigation

João Bosco de Camargo Millen¹

RESUMO:

O presente artigo tem por objetivo refletir, no âmbito estético-filosófico, imagens fotográficas acerca das psicoses, utilizadas como base dos diagnósticos utilizados pela medicina psiquiátrica. Essa proposta se fundamenta na perspectiva da análise imagética refletida pelo filósofo e historiador Georges Didi-Huberman em sua obra *Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière*. A reflexão de Didi-Huberman visa demarcar territórios comuns entre a forma sintomática exercida pela medicina e a representação filosófica de natureza estética e, por ela, acreditamos tornar claros elementos tidos como obscuros acerca das psicoses, possibilitando favorecer os sujeitos que têm por direito receber da sociedade o necessário amparo e proteção. Sabemos, contudo, que por muito tempo essas pessoas tornadas pacientes dos sistemas de tratamento psiquiátrico, foram submetidas a barbáries e condenadas a permanecerem isoladas. Justificativas não faltaram, até aquelas atribuídas a causas sobrenaturais, como “possessão demoníaca” foram utilizadas para a despersonalização desses sujeitos. Propomos, por meio de imagens fotográficas, uma tentativa de decodificação desse fenômeno humano, denominado loucura, estabelecer uma narrativa apreendida pela dimensão imagética no intuito de compreendermos de modo mais ampliado o que a clássica psiquiatria denomina de psicose e, por meio da observação das imagens registradas de pacientes tidos como psicóticos em ambiente clínico-hospitalar, inferir o modo como eram tratadas as psicoses e, por conseguinte, as pessoas tidas como psicóticas nas instituições responsáveis pela administração de cuidados médicos.

PALAVRAS-CHAVES: Georges Didi Huberman; Filosofia; Imagem; Psicose.

ABSTRACT

This article aims to reflect on photographic images about the psychoses in the aesthetic-philosophical context, used as the basis of the diagnoses used by psychiatric medicine. This proposal is based on the perspective of the imagery analysis reflected by the philosopher and historian Georges Didi-Huberman in his book *Invention of Hysteria: Charcot and the photographic iconography of*

¹ Doutor e Pós-Doutorando pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, São Paulo – SP, Brasil. jboscocmillen@hotmail.com.

Salpêtrière. Didi-Huberman's reflection aims to demarcate common territories between the symptomatic form exercised by medicine and the philosophical representation of aesthetic nature and through his reflections we believe it is possible to make clear elements considered as obscure about the psychoses, making it possible to favor people who have the right to receive from the society the necessary protection. We know, however, that for a long time these people who became patients of psychiatric treatment systems, have been subjected to barbarism and doomed to remain isolated. Justifications were not lacking, even those attributed to supernatural causes, such as "demonic possession" were used for the depersonalization of these group. We propose, by means of photographic images, an attempt to decode this human phenomenon called madness to establish a narrative apprehended by the imagery dimension in order to understand in a broader way what the classic psychiatry denominates as psychosis and, through the observation of the images of patients treated as psychotics in a clinical-hospital environment, to infer how the psychoses were treated, and therefore, the people considered as psychotic in the institutions responsible for administering medical care.

KEYWORDS: Georges Didi Huberman; Philosophy; Image; Psychosis

Introdução

O presente artigo é parte da pesquisa que analisa a relação entre os conceitos de loucura, imagem e pensamento, procurando investigá-los sob o enfoque da estética. Para tanto, utilizamos como matriz, o escopo conceitual do pensamento de Georges Didi-Huberman. Com o nascimento da fotografia, em 1826, pelo francês Joseph Nicéphore Niépce, o método fotográfico passou a ser utilizado como potente ferramenta para indexação dos fatos históricos e as fotografias tornaram-se ferramentas privilegiadas na apreensão dos elementos sógnicos com vistas à necessária aproximação do sujeito com a realidade. cremos que o uso desse instrumento propiciou ao filósofo e historiador da arte Georges Didi-Huberman investigar a nosologia da clínica histórica, tendo como resultado a escrita e publicação, em 1982, da obra *Invenção da histeria: Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière*.

A leitura de suas reflexões nos fornece a clara representação do que seria a interpretação advinda das imagens das mulheres retratadas com sintomas de histeria. Esses elementos sógnicos estariam registrados nas fotografias arquivadas na referida clínica à espera de um olhar sensível que as traduzisse.

Bem, considerando-se esse sentido do observável por meio das imagens, acreditamos na possibilidade de se estabelecer uma narrativa apreendida da dimensão imagética para a classificação do que denominaríamos de psicoses². Essa classificação denota uma tipologia e deve ser compreendida, no sentido de que possamos, por meio da observação, inferirmos o modo como eram tratadas as psicoses nas instituições de cuidados médicos.

A opção pelo tratamento das imagens, da pesquisa que ora está em andamento, está ancorada naquele modelo de investigação que indicamos como o utilizado por Didi-Huberman e, para tanto, partimos do pressuposto de que a investigação estética, proveniente da análise desse estatuto imagético, pode proporcionar uma aproximação fenomênica relativa à apreensão das imagens que registraram e retrataram os pacientes denominados “loucos”, compreendendo os contextos nos quais esses estariam imersos. Além disso, acreditamos que as imagens produziram outra qualidade de experiência, diversa daquela promovida pela denominada literatura científica, que procuraria traduzir as descrições nosológicas das patologias.

1 A imagem: uma reflexão sobre a condição dos ditos “loucos”.

Bem, estabelecidas essas bases, cremos ser necessário localizar o que pretendemos em termos metodológicos. Nesse sentido, é do conhecimento público a barbárie ocorrida no âmbito das instituições que abrigaram pacientes comprometidos mentalmente e essa questão pode ser considerada com maior indignação por se tratar, de antemão, de contingentes de pessoas que seriam consideradas inimputáveis civilmente e, por isso mesmo, mereceriam proteção do Estado em todos os âmbitos sociais. Foucault, ao investigar essa questão nos diz:

Foi numa época relativamente recente que o ocidente concedeu à loucura um status de doença mental. Afirmou-se até demais que o louco era considerado até o advento de uma

² O termo designa o agrupamento de doenças como a esquizofrenia, o transtorno bipolar do humor, as psicoses toxicofílicas, a hebefrenia, a oligofrenia, dentre outras. As características dessas doenças são, principalmente, a presença de delírios e alucinações. Comumente, por conta dos sofrimentos provenientes das patologias, os acometidos por desorientação da consciência e do juízo, atentam contra a própria vida ou contra a vida de outrem.

medicina positiva como um “possuído”. E todas as histórias da psiquiatria até então quiseram mostrar no louco da Idade Média e do Renascimento um doente ignorado, preso no interior da rede rigorosa de significações religiosas e mágicas. Assim, teria sido necessário esperar a objetividade de um olhar médico sereno e finalmente científico para descobrir a deterioração na natureza lá onde se decifravam apenas perversões sobrenaturais (FOUCAULT, 2000:75)

As pessoas portadoras das patologias derivadas das psicoses têm por direito receber das sociedades amparo e proteção e, ao contrário, sabemos que na ciranda da loucura, muitas instituições tornaram a existência desses sujeitos uma fonte de lucro, como por exemplo, os denunciados pelo trabalho jornalístico de Daniela Arbex, em sua obra, *Holocausto Brasileiro – Genocídio: 60 mil mortos no maior hospício do Brasil*, de 2013, que, dentre muitas questões, demonstrou como ocorria a comercialização de cadáveres e ossadas, provenientes dos óbitos nos hospícios, instituições que deveriam ter por essência abrigar e tratar os sujeitos a elas endereçados em todos os aspectos e necessidades.

As mortes ocorridas nos hospícios públicos brasileiros eram não só esperadas, mas também desejadas por essas instituições à medida que elas geravam rendas. Ademais, a morte por despersonalização, a morte social, a segregação, a destituição familiar, a perda da identidade, a miserabilidade institucional, estabelecia um quadro caótico associado à própria carga de endogenia já presente na doença mental. Essa questão se desdobrava em produtos humanos, analogamente como os que vemos nos derivados animais sacrificados ao lucro.

Na realidade, o problema da loucura, investigado pela psiquiatria, ainda não foi, na história da medicina, claramente conhecido. A psicanálise, a psicologia analítica e a filosofia auxiliaram a ampliar o espectro de compreensão desse fenômeno. É justamente a possibilidade de se ampliar essa compreensão que tornamos as imagens da loucura como objeto de nossa investigação, que acreditamos contribuir para a reflexão sobre o tema. Compreendemos as imagens que registraram os pacientes ditos loucos na perspectiva do sintoma, associado a uma espécie de deformidade social, manifesta sob a forma de psicoses.

Vimos, pois, que do início do séc. XIX ao início do séc. XXI, há ainda a manutenção do modelo de conhecimento acerca da loucura incompreendido de sua real dimensão. Nas instituições psiquiátricas de reclusão promoveram-se iatrogenias legitimadas pelo tratamento médico, cujo saber foi estruturado segundo a noção de sintoma e práticas curativas validadas pela ciência médico-positivista.

Esse saber, contestado por Freud na clínica psicanalítica, incluiu a subjetividade da existência, os sentimentos e o pensamento à noção de “sintoma”, de modo que, à luz da psicanálise, sintoma seria o conjunto de características e crenças que produziriam brechas, desencaixes e desordens do funcionamento psíquico, associados a fatores que obnubilariam a consciência, promovendo mal-estar “real” nos seres humanos.

Perscrutando melhor a questão do “tratamento” dado às psicoses nos hospitais brasileiros, observa-se que o conceito de sintoma não estaria restrito ao âmbito da subjetividade dos pacientes, haveria também uma sintomatologia presente nas estruturas encarregadas do cuidado a esses sujeitos. O adoecimento que pretendemos investigar na denominada e sintomática loucura, refere-se à dimensão imagética que estaria delineada na conjuntura das estruturas institucionais que, a nosso ver, mereceriam tratamento tanto quanto os pacientes que por elas deveriam ser tratados.

Se a grosso modo compreendemos as psicoses (psicose induzida por drogas, psicose orgânica, psicose reativa breve, esquizofrenia, transtorno bipolar do humor, transtorno esquizoafetivo e outros transtornos), como doenças que dissociam o princípio do juízo e da realidade, regidas por pensamentos desorganizados, alucinações, delírios ou crenças falsas, o adoecimento da própria estrutura hospitalar as acentuaria demasiadamente nos pacientes internados.

Ora, os registros e documentos históricos indexados ao longo do século XX, que retrataram a caótica imagem presente nos hospícios públicos do Brasil, estão, majoritariamente, reproduzidos de modo semelhante em diversos hospitais geograficamente distantes, em que são observados o mesmo modo de tratamento, endereçado aos pacientes: degradação do corpo submetido à

sujeira, muitas vezes nus, amontoados em enfermarias superlotadas, falta total de higiene, ao mínimo e necessário, como por exemplo, água potável, alimentação, espaços de refeitório, dormitório e demais dependências, tudo isso “naturalmente” estabelecido pelo Estado.

A questão supracitada das psicoses está permeada por essas inter-relações, em que a materialização descrita nesse quadro caótico, poderia ser apreendida pelas imagens dos pacientes em seus contextos de “cuidado hospitalar”. Elas revelariam não somente o comprometimento da estrutura estatal, como também a social e familiar, nos possibilitando compreender como essas estruturas agiriam de modo desfavorável no indivíduo mentalmente adoecido.

A psiquiatra Dra Carmen Dametto na obra *Filicídio e considerações sobre o narcisismo*, interpreta esse problema indicando a necessidade de analisarmos alguns tabus sociais que seriam configurados nos tratamentos dados aos pacientes mentalmente adoecidos. Segundo suas palavras:

Tenho percebido que um sentimento básico, o Filicídio, extremamente comum na prática psiquiátrica e psicanalítica, não tem merecido, por parte dos nossos teóricos, devida atenção, cuidado e ênfase. Tanto o FILICÍDIO quanto o narcisismo que existem em todas as pessoas, doentes ou sadias, sofrem uma espécie de negação por parte dos que trabalham com os doentes e emoções. Acontece que o Narcisismo e o Filicídio figuram entre as emoções mais primitivas do homem. Mas não sendo percebidas, sem espaço para um tratamento adequado, fazem do paciente uma pessoa comparável a um edifício cuja construção começasse do terceiro andar. A negação destes sentimentos que viraram tabu na sociedade ocidental advém de serem extremamente dolorosos, tanto para o terapeuta quanto para o paciente. Firma-se então, entre todos, um pacto inconsciente de não falar sobre o assunto. O doente, porém, sofrerá pela solidão com que terá que defrontar, quando tais emoções aflorarem a seu consciente.

Encontrei o tema FILICÍDIO em Arnaldo Rascovsky, Moisés Tractenberg e Leon Grinberg, na literatura comum e, naturalmente, embora implícito, em Freud. Pode haver outros trabalhos dos quais não tenho conhecimento, pelo que peço desculpas ao leitor.

Freud se aprofundou mais nos tabus do incesto e do parricídio. Tratou também do narcisismo, sem, contudo, abordar o filicídio que lhe vem de rastro (DAMETTO: 2013, 18).

Essa reflexão é de tal modo importante que dela emergiria a investigação, por meio imagético, sobre como o Estado trataria seus cidadãos ou, em outros termos simbólicos à expressão matriarcal, como a Pátria, denominada no Brasil sob o termo de “mãe gentil”, trataria seus filhos negados. Ora, se haveria em muitas famílias a expressão do desejo inconsciente de desaparecimento dos sujeitos ali gerados e que possuiriam claros desajustes aos encaixes do grupo familiar e social, as imagens dos pacientes relegados aos “cuidados do Estado”, concretizariam esse desejo; afinal, haveria ali, no hospital psiquiátrico, a concretização do ato perverso, no mais radical sentido desse termo, isto é, pela via contrária do que deveria ser o cuidado.

Diferente da referência materna à qual nos referimos quando utilizamos a brasileira expressão “pátria mãe gentil”, a designação clássica desse desejo, segundo a interpretação de Freud, estaria consignada ao lugar superior e hierárquico que seria ocupado pela ideia de Pai, tanto na dimensão familiar, quanto em sua representação estatal. A figura do pai, sobre o qual haveria um sentido psicanalítico para as desventuras provenientes deste embate, teria na representação de Édipo a demonstração de qual destino seria dado àqueles que desafiam a autoridade paterna. A desobediência faria o condenado a perambular cego, vivenciando os mais terríveis sofrimentos, como indicado pelo modelo exemplar traduzido por Sófocles ao escrever *Édipo Rei*.

Nesse sentido, acreditamos que em relação à dimensão revelada pela apreensão e análise das imagens, relativas aos sujeitos denominados loucos, haveria a carência de uma contribuição filosófica mais radical e, cremos ser a dimensão sógnica das imagens uma possibilidade de se estabelecer essa reflexão. A tarefa do dizer sobre as psicoses e as expressões da loucura pode

encontrar na reflexão estética um agente interlocutor, de tal modo que possamos nos alinhar à produção de outras áreas do conhecimento, como a medicina, direito, sociologia ou psicologia. Muito do que conhecemos sobre a loucura possui a contribuição dessas áreas, tidas, por vezes, como porta-vozes desses sujeitos, comumente relegados ao esquecimento. cremos, todavia, que a filosofia, como investigação e reflexão estética, pode propiciar uma forma de desvelamento desse fenômeno e, de modo dialético, auxiliar outras áreas do conhecimento, de modo que tenhamos um espectro amplificado, possibilitando repensar os modos de tratamento dados a esses pacientes.

2 O método caleidoscópico

Reiteramos a necessidade de tornar essa análise possível em termos da adoção de um método de natureza eclética; afinal, em termos de abordagem acerca do problema da “loucura”, sintoma das psicoses, a utilização de um método de investigação que nos permite apreender as mais variadas contribuições das áreas do conhecimento, refletidas pela filosofia, nos propiciaria ampliar o espectro de compreensão do referido fenômeno. Nesse sentido, a escolha pelo denominado método caleidoscópico, utilizado em conformidade ao pensamento de Georges Didi-Huberman, se fundamenta como proposta metodológica que consideramos a mais adequada, justamente por compreendermos a abrangência histórico-filosófica na qual o conceito da denominada “loucura”, estaria posicionado. Em síntese, compreendemos o método caleidoscópico da seguinte forma:

O jogo de recolher todos esses elementos e com eles montar uma imagem singular remete ao caleidoscópio, brinquedo constituído a partir da combinação de fragmentos, do jogo de espelhos e, principalmente, do movimento, que possibilita a formação de uma nova imagem a cada olhar. É Georges Didi-Huberman que, lendo Walter Benjamin, retoma a noção do caleidoscópio como o modelo teórico que permitiria ler a história a contrapelo. (TONON: 2011,5)

Essa abordagem implica, necessariamente, no uso de imagens e modos variados de interpretação. O processo de obtenção das imagens, acreditamos tê-lo claro e suficiente para a presente pesquisa, pois em conformidade ao modo utilizado por Didi-Huberman, tomaremos a transposição de fotogramas advindos dos arquivos institucionais e que estão disponibilizados em acervos bibliográficos e virtuais, mas ele seria irrelevante se não estabelecermos os parâmetros de interpretação dessas imagens. Bem, acreditamos que a abordagem histórica, ao molde das contribuições do pensamento de Didi-Huberman, Walter Benjamin, Michel Foucault, da psicanálise e da psiquiatria, pode nos fornecer elementos para nos aproximarmos de modo adequado desses referenciais sógnicos.

Por fim, sabemos que o que está em jogo é o caráter humano que se pretende conhecer e o desafio proposto pela presente pesquisa é o de propiciar uma lupa caleidoscópica sobre as imagens dos sujeitos que, desde o início da presente exposição, foram denominados loucos. Para além dessa tipologia, a metodologia implementada pretende ampliar o que podemos conhecer por meio das imagens desses sujeitos, que designaríamos como pertencente à esfera existencial humana.

Acreditamos que a pretensão dos autores de variadas áreas de conhecimento a serem utilizadas em nossa pesquisa está coadunada à tentativa de decodificação desse fenômeno humano, denominado loucura. Tendo em vista ser ele mal compreendido e envolto em sombras, lançar algum tipo de luminura é a pretensão dessa investigação, ou ainda, em termos de figuração estética, por meio das imagens e interpretações a elas vinculadas, queremos propor um quadro com alguma intensidade de luz, pois assim como a investigação por meio de imagens possibilitou a revolução de lâminas diagnósticas, como por exemplo, as radiografias e ultrassonografias, facultando a detecção de fraturas e anomalias orgânicas, as fotografias, cremos, poderiam facilitar a percepção fisionômica das psicopatologias e de seu mais adequado conhecimento.

3 Conclusão

O processo de enclausuramento desses pacientes em instituições psiquiátricas poderá ou não existir; todavia, os mecanismos de morte social desenvolvidos pela sociedade por conta de desinformação das patologias referentes à loucura desempenham papéis importantes nos modos de marginalização e extermínio desses sujeitos. A partir do século XIX, com o advento da fotografia na psiquiatria, surgiu a possibilidade de capturarmos as nuances e detalhes das pessoas adoecidas, associando-as a adjetivos que não seriam perceptíveis por outros meios. Nas palavras de Georges Didi-Huberman:

O desenvolvimento da fotografia psiquiátrica no século XIX, de qualquer modo, constituiu-se no mesmo movimento da evolução da fotografia forense. Uma disciplina transicional, aliás, ocupou nisso uma eminente posição estratégica: a antropologia criminal, que tanto se interessava por retratos fotográficos de criminosos e alienados quanto por seus crânios. (...) Aliás, certo (Ernest) Lacan, ao expor os milagrosos progressos da Fotografia, não hesitou em incluir no mesmo capítulo “a imagem acusatória” dos criminosos e o “trabalho científico do dr. Diamond”. (...) Dessa sutil cumplicidade médico-policia, reterei apenas isto, por hora: uma concepção de identidade foi elaborada, como seria inevitável, a partir do funcionamento conjunto das demandas científicas ou judiciárias e de suas respostas técnicas, fotográficas. Mais, até: a fotografia foi o novo mecanismo de uma lenda: o ter de ler uma identidade na imagem (DIDI-HUBERMAN, 2015:83).

REFERÊNCIAS

DAMETTO, Carmen. *Filicídio e considerações sobre o narcisismo*. Petrópolis: KBR, ed digital, 2013.

_____. *O que vemos, o que nos olha*. Campinas: Editora 34, 1998.

_____. *Invenção da histeria. Charcot e a iconografia fotográfica da Salpêtrière*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2015.

_____. *A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

FOUCAULT, Michel. *Problematização do sujeito; psicologia; psiquiatria, psicanálise*. 3.ed. tradução Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária 2011.

_____ *Doença mental e psicológica*, Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro, 2000.

FREUD, S. *Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

FREUD, Sigmund, 1856-1939, *O Ego o Id e outros trabalhos (1923-1925)*, Obras Completas de Sigmund Freud: edição Standard brasileira 24vs. / -Rio de Janeiro: Imago-1996, volume XIX,

MELLO, Jamer Guterres de. *O arquivo como sintoma: Anacronismo das imagens na obra de Harun Faroki*. In: Passagens. Revista do Programa de Pós-Graduação em comunicação, Universidade Federal do Ceará. Volume 5. Nº1, 2014. disponível em

<http://www.revistapassagens.ufc.br/index.php/revista/article/viewFile/58/63>.

Acesso em 31 de março de 2017.

TONON, Elisa Helena. *Vida - Caleidoscópio: Leminski leitor de Benjamin*. in XII Congresso Internacional da ABRALIC - Ética, Estética. UFPR, Curitiba, 2011.

Disponível em

[http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0775-](http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0775-1.pdf)

[1.pdf](http://www.abralic.org.br/eventos/cong2011/AnaisOnline/resumos/TC0775-1.pdf). Acesso em 10.01.2017.